



nilda neves uma baiana fabulosa

Que o realismo fantástico deve seu sucesso ao fato de ser a realidade mais fantástica que a ficção (foi o que disse um escritor do “boom” literário sobre García Marquez) explica ou pode explicar a fabulosa pintura de Nilda Neves transpassada em todas as direções pelas descabeladas e estrambóticas estórias dos habitantes (ou deveríamos dizer sobreviventes?) da caatinga. A “Estória de amor”, por exemplo, é a história de uma mulher que toda noite fazia ponto na esquina da cadeia, fingia “virar a bolsinha” enquanto limava as barras de ferro da grade por onde seu namorado, preso, fugiria; no sertão de Alagoas, Lampião manda todo mundo tirar a roupa e dançar forró; no meio do mato atravessam o pé redondo e a caipora, a mula sem cabeça, o vaqueiro.

Nilda nasceu em 1961 em Patos, município de Botuporã, no sertão da Bahia. Como muitos nordestinos e por diversos motivos, resolveu vir para São Paulo em 1999. Em 2010, escreveu, aos borbotões, o romance “O Lavrador do Sertão” com estórias de seus ancestrais ouvidas do avó e do pai. Logo depois lançou, na Bienal do Livro, “O Belo Sertão”, com descrições dos seres lendários do Brasil, como a caipora, o mexila e o lobisomen. Para ilustrar a capa do livro resolveu ela mesma pintar e, desde então, não parou mais de produzir, ilustrando as lembranças e histórias do sertão. Uma delas, O Diabo Miudinho, rendeu-lhe um diploma de participação no 22º Concurso Literário da Cidade de Araçatuba em 2005 que exhibe, emoldurado, no salão Cabelo & Arte. Neste pequeno cômodo (um tanto incômodo) convivem desajeitadamente poltronas, espelhos e pirâmides de esmaltes de unhas, com tintas e telas, os mundos ou os remanescentes dos mundos de uma cabelereira (já desistindo do ofício) e de uma artista vulcânica e visceral (surpresa pelo resultado de seu próprio trabalho) que não consegue parar de pintar.

O resultado desse fervor ou como ela reconhece de “estar sempre com o frenesi no couro” é uma enorme coleção com pinturas que cobre todas as paredes do salão e incontáveis telas enroladas em sacos de plástico de onde surgem 20 ou 30 reminiscências da caatinga natal em forma de estórias, desenhos, pinturas e algumas esculturas, além de um violão com o qual se distrai e chora ao ouvir seu amigo Fabio Teixeira entoando uma canção que ele fez a partir de um poema dela (*um cantinho pra chamar de felicidade...* diz o refrão na bela voz do Fabio e Nilda desaba num pranto incontrolável).

A freguesia é variada tanto nos interesses como nos tipos sociais já que o salão é procurado pelas prostitutas que trabalham nas casas noturnas dos arredores (passarela e charmosa, com taxa única de 40 reais e direito a privezão) e também por galeristas, marchands e críticos de arte fascinados com o universo pictórico de Nilda, sua simpatia desbordante e uma baianice que não merma apesar da vida paulistana, contas a pagar, canos entupidos.

Esse cruzamento improvável de pessoas atraídas pelas artes de Nilda (a pintora e a coiffeur) transformam o pequeno salão numa realidade tão fantástica quanto o vasto sertão de suas origens. Devem ser essas paragens povoadas de barrigudas, mandacarus e gravatás o que seu olhar ausente observa quando, muitas vezes, no meio da conversa, deixa de responder.